

**A IMPRENSA A SERVIÇO DO PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA IGREJA  
CATÓLICA (1871) E DA IMPLANTAÇÃO DA COLÔNIA PORTO NOVO (1926)**

**THE PRESS AT THE SERVICE OF THE RESTORATION PROJECT OF THE  
CATHOLIC CHURCH (1871) AND THE IMPLANTATION OF THE COLONY  
PORTO NOVO (1926)**

Maikel Gustavo Schneider\*

**Resumo:** A presente escrita objetiva, inicialmente, elucidar sobre o uso da imprensa como instrumento do Projeto de Restauração da Igreja Católica, visando proteger os valores e a tradição católica, além de afastar seus fiéis das leituras consideradas “nefastas”. Em seguida, demonstrar que os padres Jesuítas tiveram atuação destacada nesse processo, principalmente no Sul do Brasil, ao organizar e dirigir jornais, almanaques, revistas e folhetins específicos para os alemães católicos. As publicações estavam alinhadas aos preceitos do projeto da Igreja e objetivavam informar, doutrinar e divulgar as obras e empreendimento que contavam com o apoio do clero católico. Nesse ínterim, apresenta-se como os Inacianos valeram-se da imprensa a fim de divulgarem sua principal e sonhada obra: a colônia Porto Novo - atualmente municípios de Itapiranga/SC, São João do Oeste/SC e Tunápolis/SC, fundada em 1926, especificamente para abrigar alemães católicos em torno de uma comunidade orante e alinhada aos ideais da Igreja. Assim, os jornais e revistas influenciados pelos religiosos divulgam textos e informações a fim de atrair os colonos para a nova colônia, garantindo o capital humano que a congregação necessitava para trabalhar.

**Palavras-chave:** Imprensa, Restauração Católica, Jesuítas, projeto Porto Novo.

**Abstract:** The present paper aims at elucidating the use of the press as an instrument of the Restoration Project of the Catholic Church, in order to protect the Catholic values and traditions, as well as to remove its faithful from the readings considered "nefarious". Then, this paper demonstrates that the Jesuit priests played a prominent role in this process, especially in the Brazilian southern, by organizing and directing specific newspapers, almanacs, magazines and serials for Catholic Germans. The publications were according to the precepts of the Church's project and aimed to inform, indoctrinate and publicize the works and enterprise that had the support of the Catholic clergy. In the meantime, this work presents how the Ignatians used the press to divulge their main and dreamed work: the colony Porto Novo – nowadays the municipalities of Itapiranga / SC, São João do Oeste / SC and Tunápolis / SC – founded in 1926, specifically to give a new home to Catholic Germans around a prayerful community aligned with the ideals of the Church. Thus, the newspapers and

---

\* Graduado em Direito pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de São Miguel do Oeste/SC (2016). Mestrando em História, na Universidade de Passo Fundo. Pesquisador, apresentando pesquisas nas temáticas: Colonização, Imigração, Comunidade, Territorialidade, Escolaridade e Violência. Bolsista CAPES. E-mail: [maikel.gustavo.schneider@gmail.com](mailto:maikel.gustavo.schneider@gmail.com)

magazines influenced by these religious spread texts and information in order to attract the settlers to the new colony, guaranteeing the human capital that the congregation needed to work.

**Keywords:** Press, Catholic Restoration, Jesuits, Porto Novo Project.

## **Introdução**

A Companhia de Jesus, “a mais célere comunidade de clérigos regulares, de fato a mais poderosa das ordens religiosas modernas” (PIERRARD, 1982, p. 191), foi utilizada pelos papas reformadores a fim de guiar as almas rumo a um itinerário simples para chegar à salvação, com atuação destacada no Projeto de Restauração da Igreja Católica e na assistência aos colonos e imigrantes no Sul do Brasil.

Acerca desse projeto da Igreja Católica, Arthur Blásio Rambo esclarece que

A Restauração Católica nada mais é do que a reforma da Igreja nas bases doutrinárias e disciplinares que as circunstâncias dos tempos impuseram e que, finalmente, foram formuladas nos documentos do Concílio. A Restauração Católica fundamenta-se, em primeiro lugar, na volta ao catolicismo tridentino, conduzido sob a autoridade direta do romano pontífice. Opõe-se em princípio a qualquer tipo de composição e, mais ainda, a qualquer forma de tutela do Estado. Foi nesse contexto que foi entendido o conceito do Ultramontanismo ou Ultramontanos (ultra-montes = além das montanhas), referindo-se aos teólogos, ao clero, aos religiosos e ao povo em geral, que combatia o galicismo dos católicos franceses que defendiam uma composição com o poder civil. Os ultramontanos reivindicavam como autoridade máxima e única aquele que tinha sua sede “ultra montes, além das montanhas, dos Alpes”, o papa em Roma. (RAMBO, 2002, p. 287)

Insta mencionar que no Sul do Brasil alguns fatores foram decisivos na formação de uma sólida base para que o Projeto de Restauração da Igreja Católica alcançasse o êxito almejado pelos líderes religiosos, dentre eles, o fluxo migratório contínuo de imigrantes católicos alemães e italianos, os incentivos e reforços que as ordens e congregações religiosas recebiam para atuarem junto ao contingente humano, em especial os Jesuítas. É preciso destacar, ainda, que esses religiosos estavam “inteiramente comprometidos com o projeto da Igreja, definido no Concílio de Trento, reafirmado pelo Concílio Vaticano I [...], sempre sob autoridade incontestada do Sumo Pontífice” (RAMBO, 2002, p. 292).

No que tange à atuação dos Jesuítas no Sul do Brasil, dentro do Projeto de Restauração da Igreja, estes mantiveram nessa área, em especial no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa

Catarina, três importantes projetos que continuam rendendo frutos ainda hoje aos Inacianos: o Projeto Pastoral, responsável pela cura das almas e assistência espiritual; o Projeto Educacional, relacionado com a educação; e o Projeto Social, engajado em atividades relacionadas com o desenvolvimento econômico e social, além da promoção humana (RAMBO, 2011).

Os três projetos mencionados estavam voltados com atenção especial para as áreas de colonização alemã e italiana, “celeiros de vocações” (KREUTZ, 1991, p. 64), inaugurando nessas áreas novas colônias, com perfis fortemente homogêneos, além de associações, seminários, escolas, hospitais, asilos, caixas rurais e, principalmente, jornais, almanaques e folhetins, que formavam uma imprensa organizada e que objetivava trazer a “verdade” sobre fatos divulgados contra a Igreja, além de divulgar suas obras.

Desse modo, no intuito de coroarem de pleno êxito o projeto da Igreja Católica, constata-se que os religiosos valeram-se de três instrumentos básicos, a saber: o associativismo, a imprensa e a escola juntamente com o professor paroquial (KREUTZ, 1991).

Nosso objetivo, na presente escrita, repousa sobre a imprensa, uma vez que “sem dúvida que a difusão da imprensa foi um fator importante para o desenvolvimento do Projeto de Restauração Católica entre os teuto-brasileiros”. (KREUTZ, 1991, p. 66). Por oportuno, analisaremos algumas publicações, em jornais católicos alemães, que versam sobre o projeto de colonização Porto Novo, fundado em 1926, na região extremo-oeste do estado de Santa Catarina, planejado, organizado e promovido pela *Volksverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul* - Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul, fundada em 1912 pelos Jesuítas. Os habitantes dessa região eram colonos alemães católicos, formando uma comunidade alicerçada no rígido controle social exercido pelo clero.

Desta forma, a imprensa será compreendida, nesta escrita, como uma estratégia dos Jesuítas e da Igreja no amplo projeto de Restauração Católica, utilizada dentro do campo religioso, capaz de forjar uma visão de mundo defendida pela instituição, bem como para publicizar as obras e feitos de projetos patrocinados pela igreja.

Acerca da utilização da linguagem como forma de impor determinada visão de mundo, Bourdieu (1996) afirma que este instrumento constitui-se como forma eficaz de natureza simbólica para a construção da realidade, ao ponto que todo agente social almeja este poder de impor a sua visão de mundo e de realidade, logo, o orador/escritor do discurso deve estar investido em determinada autoridade, a fim de que aconteça o reconhecimento por parte

daqueles que o ouvem/leem.

A especificidade do discurso de autoridade (curso, sermão etc.) reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio. Tal reconhecimento (fazendo-se ou não acompanhar pela compreensão) somente tem lugar como se fora algo evidente sob determinadas condições, as mesmas que definem o uso legítimo: tal uso deve ser pronunciado pela pessoa autorizada a fazê-lo, o detentor do cetro (skeptron), conhecido e reconhecido por sua habilidade e também apto a produzir esta classe particular de discursos, seja sacerdote, professor, poeta etc.; deve ser pronunciado numa situação legítima, ou seja, perante receptores legítimos (não se pode ler um poema dadaísta numa reunião do conselho de ministros), devendo enfim ser enunciado nas formas (sintáticas, fonéticas etc.) legítimas (BOURDIEU, 1996, p. 91).

Desse modo, constata-se inicialmente que a imprensa organizada pelos religiosos era reconhecida como palavra oficial e legítima da Igreja pelos colonos, uma vez que estes locutores estavam investidos em posição social elevada, detentores de certa autoridade. Assim, é possível perceber que o uso da linguagem, por aqueles que detém reconhecimento, é capaz de afirmar uma visão de mundo defendida e proferida pela Igreja.

Dito isso, passaremos agora a analisar o uso da imprensa pelas Jesuítas, onde estes fundaram e mantiveram jornais e *Kalenders* (almanaques) visando apresentar sua visão de mundo e divulgar seus projetos e, em consequência, afastar os “perigos” do liberalismo, da maçonaria e do protestantismo. Posteriormente, analisaremos brevemente publicações em jornais católicos alemães envolvendo a colônia Porto Novo.

### **A imprensa à serviço do Projeto de Restauração da Igreja Católica**

“Se Deus vos tiver comunicado o dom de falar e a ciência do escrever, a vossa voz e a vossa pena estarão ao serviço da Igreja”. A partir dessas palavras, a carta pastoral coletiva episcopal de 1890, convocava todos os clérigos e leigos a defenderem os interesses da Igreja. Evidencia-se, com isso, a ciência dos bispos brasileiros diante da grande importância que os meios de comunicação apresentavam, em especial a imprensa, para a construção de ideias e visões de mundo, bem como para a formação de opiniões públicas favoráveis à instituição.

“Destruidoras da família, da sociedade e da religião” (Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro, de 06 de janeiro de 1900), assim era classificada a imprensa que,

naquela época, divulgava ideais sobre o liberalismo, a maçonaria e o protestantismo. Diante disso, a Igreja Católica passou a condenar veemente esses meios de comunicação, propondo a criação da boa imprensa católica como uma necessidade para enfrentar o mal, combatendo-a com as mesmas armas. Nas palavras do Papa Leão XIII:

Certamente será de muita utilidade que as pessoas instruídas e piedosas se consagrem a publicações cotidianas ou periódicas, uma vez que os erros se vão, assim, dissipando aos poucos e gradativamente, a verdade se espalhará, as almas adormecidas despertarão e não de professar publicamente e defender com denodo a fé que elas cultivam em si para a sua salvação. (Carta aos Bispos do Peru, de 1º de Maio de 1894, p. 10-11. apud KLAUCK, 2009, p. 49)

Com essa percepção, surgiu uma imprensa que visava reforçar os valores das comunidades católicas e cristãs, batalhando contra os textos proibidos e condenados pela Igreja. “A imprensa, colocada ao alcance da coletividade, foi e é a principal arma, ou se assim quisermos falar, a ferramenta universal a serviço de toda e qualquer realização do espírito [...]” (AMSTAD, 2005, p. 289-290).

A partir desse contexto, é possível perceber que a Igreja começou a utilizar-se da imprensa com o propósito de contestar os fatos e narrativas apresentadas por jornais e revistas que denegriam a sua imagem e o seu agir enquanto instituição. Assim, o uso da imprensa está vinculada à proteção dos valores e da tradição católica “o que significou, em outras palavras, reordenar e manter os católicos como católicos, tanto sob o ponto de vista religioso como das práticas litúrgicas.” (KLAUCK, 2009, p. 36).

Ademais, é preciso consignar que o manejo da imprensa estava inserido dentro do Projeto de Restauração Católica, que “é a tentativa do retorno à unidade de fato, sob a bandeira de um líder, investido sob a cátedra de Pedro e da doutrina da Igreja Católica.” (KLAUCK, 2009, p. 40).

Nesse aspecto, é necessário lembrar que “a religião legitima as instituições infundindo-lhes um *status* oncológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico” (BERGER, 1985, p. 46). Logo, os jornais, almanaques e anuários editados pela instituição religiosa, em especial pelos Jesuítas, que “foram o exército da Contra-Reforma, compromissado com o Papa, mergulhado na disciplina e na obediência” (KREUTZ, 1991, p. 51), adquiriram status de verdade suprema e sagrada, capazes de legitimar qualquer situação e imporem a visão de mundo e de realidade defendida pela Igreja.

Sem embargo, na percepção da Igreja, não bastaria somente a publicação de textos em

oposição a má imprensa difundida por seus opositores. Era necessário um trabalho de orientação juntos aos colonos e imigrantes a fim de que estes evitassem a má imprensa e, principalmente, lessem a boa imprensa católica, papel esse que foi de competência dos párocos. Assim, coube a estes sacerdotes a propagação e a recomendação aos fies da leitura dos periódicos editados pela Igreja, ou por sua influência, e, ao mesmo tempo, batalharem contra os escritos que não eram bem vistos pela instituição.

Um fator que pontuou a favor da Igreja Católica na propagação da sua imprensa foi o fato da população alemã católica já trazer consigo o gosto pela leitura e pela informação, estando o hábito da leitura bem enraizado. Algumas famílias teuto-católicas recebiam regularmente em suas residências publicações oriundas diretamente da Alemanha, que passavam por inúmeras casas de leitores que buscavam saber sobre os acontecimentos da terra natal e manter vivas as lembranças do seu país de origem.

Considerando as dificuldades da época e o quase isolamento em que viviam, o índice [de leitura] era muito bom, ainda mais que as famílias eram numerosas e tinham muitos filhos pequenos, ainda não alfabetizados, além da inexistência de escolas em lugares mais afastados do interior. Em praticamente todas as casas havia alguém que soubesse ler. Mesmo nas localidades não atingidas por jornais, e até nas linhas mais recônditas, os Kalender faziam sucesso, não só no século XIX, mas também pelo século XX afora (WESCHENFELDER, 2010, p. 42-43)

Então, a imprensa contribuiu de forma decisiva na tarefa de restauração e doutrinação católica nas comunidades de fiéis. Por oportuno, passaremos a analisar agora a atuação desse importante meio de comunicação junto ao estado Riograndense, que, mais tarde, especificamente no ano de 1926, vai transpassar o Rio Uruguai e divulgar a colonização em Porto Novo, no estado catarinense.

## **A imprensa alemã católica no Rio Grande do Sul**

Inicialmente, é necessário destacar que

num primeiro momento, os jornais em língua alemã, no Rio Grande do Sul, vão ser ideológicos, quer como meio de buscar votos nas colônias para os candidatos conservadores ou liberais, procurando a integração dos imigrantes num dos partidos políticos, quer como propagadores da religião evangélica ou católica. Só no final predominará um sentido mais econômico. Enfim, sintetizando as ideias de Caparelli, a imprensa alemã, no Rio Grande

do Sul, teve a função de identificação social; pôs em relação os diversos núcleos de imigrantes na manutenção da cultura germânica; reforçou tanto os valores do catolicismo como os do protestantismo; e foi um meio, para que os imigrantes tivessem maior participação política no estado. Segundo Roche, um dos primeiros estudiosos da imigração no sul, ao analisar o papel dos jornalistas em relação aos imigrantes, quaisquer que tenham sido as divergências dos alemães descendentes dos imigrantes, foram os jornalistas que lhes deram uma consciência coletiva, que enunciaram o problema teuto-brasileiro e que propuseram soluções. (WESCHENFELDER, 2010, p. 47)

Arthur Rambo (2003), por seu turno, identifica as três principais correntes filosóficas-ideológicas que estavam presentes no Rio Grande do Sul no último quartel do século XIX, gladiando-se diariamente na imprensa: liberalismo, protestantismo e catolicismo. Sem embargo, os dois primeiros já possuíam órgãos oficial de imprensa e seus textos eram publicados sempre com duras críticas à Igreja Católica.

Contra esses dois agressores os católicos não dispunham de nenhum órgão capaz de defender a sua causa. A única coisa que os padres podiam fazer em tais circunstâncias era instituir e esclarecer seus paroquianos em sermões, no trato particular ou pela difusão de bons livros. Essa situação, porém, não podia prolongar-se ao infinito. Foi então que o P. Feldhaus, que se convenceu da necessidade de um jornal católico, imediatamente deu os passos para a criação de um. Em 1871 mandou vir da Europa uma pequena impressora manual.” (SCHUPP, SJ, 2004, p. 253).

Por tais razões, os católicos fundaram um jornal objetivando combater as acusações e provocações da má imprensa. Nasce, assim, o *Deutsches Volksblatt*, jornal direcionado exclusivamente para o público católico alemão, produzido em São Leopoldo, a partir de 1871, sendo transferido em 1890 para a capital Porto Alegre, apresentando-se aos leitores com as seguintes palavras em sua primeira edição:

Este jornal aparece de hoje em diante semanalmente e faz sua a missão de apresentar ao público leitor de jornais as notícias mais recentes e os acontecimentos de natureza política, científica e religiosa de forma mais verdadeira e imparcial. Evidentemente, é preciso supor que o redator de um jornal é obrigado a preencher graves obrigações perante o Estado, a Igreja, e escola, a família e perante aquele que lêem e pagam seus produtos. Animado com a melhor das boas vontades para cumprir esse dever e oferecer aos leitores deste jornal uma leitura sadia e proveitosa, o ‘*Deutsches Volksblatt*’ apresenta-se hoje ao público e pede benevolência.” (*Deutsches Volksblatt*, 1875, n.º 49. apud SCHUPP, SJ, 2004, p. 254)

O *Deutsches Volksblatt* representou para a Igreja Católica no Rio Grande do Sul, em

especial para os Inacianos, um meio eficaz de propaganda e de oposição aos seus inimigos. Nessa primeira edição do jornal o redator Jakob Dillenburg, em um artigo publicado, deixa claro que se “a tolerância e a equidade for lesada pelo lado oposto, o ‘Deutsches Volksblatt’ não pode ficar calado. Então será obrigado a defender seus princípios e irá defendê-los.” (*Deutsches Volksblatt*, 1875, n.º 49. apud SCHUPP, SJ, 2004, p. 254).

Os católicos, em especial os Jesuítas, estavam em busca de um jornal que representasse sua religião e sua religiosidade, objetivando a “verdade” nas informações, além de notícias de cunho religioso, cultural, político e social, bem como, “com boa parte reservada para a doutrinação” (KREUTZ, 1991, p. 66). Ademais, “sem dúvida que a difusão da imprensa foi um fator importante para o desenvolvimento do Projeto de Restauração Católica entre os teuto-brasileiros”. (KREUTZ, 1991, p. 66), além de servir como defesa para os principais inimigos da Igreja Católica, como a maçonaria, a separação da Igreja e do Estado, o ensino laico, o protestantismo e o positivismo.

Na obra “Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924”, o autor Pe. Theodor Amstad, SJ, deixa claro que, diante dos limites ultrapassados pela má imprensa, “de modo especial em questões religiosas contra os católicos, estes terminaram perdendo a paciência e fundaram um jornal próprio, o ‘Deutsches Volksblatt’, produzido em São Leopoldo de 1871 a 1890 e depois transferido para Porto Alegre”. (AMSTAD, 2005, p. 295).

Jean Roche, por sua vez, em sua obra “A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul”, também elucida que “para reagir contra o ‘Kulturkampf’, o jesuíta Feldhaus fundou em 1871, em São Leopoldo, “Das Deutsches Volksblatt”. (ROCHE, 1969, p. 660).

Diante disso, percebe-se que os Jesuítas conjugaram todos os seus esforços na formação de um jornal semanal, que buscava elencar um resumo das principais notícias da semana e com grande parte de suas páginas reservadas para comentários e reflexões, que objetivavam a doutrinação dos teuto-católicos, além de divulgarem seus projetos.

Presume-se que essa escolha [pelo jornal] possa estar ligada a fatores como o custo mais reduzido para ser impresso e também para ser adquirido, pois próximo às características de folhetins ou panfletos, seria de fácil circulação e proliferação. Ao mesmo tempo, seria mais prático do que livros ou revistas, mas mesmo assim algumas ordens religiosas dedicar-se-ão a esse tipo de impressos (KLAUCK, 2009, 62-63)

Além do semanário, Lúcio Kreutz descreve que os inacianos também investiram nos almanaques e anuários “que, saindo anualmente, apresentavam uma diversidade de temas,



primando, contudo, pela descrição de famílias e pessoas que, pela sua excelência, deveriam servir de exemplo nas diversas instâncias da vida familiar”. (KREUTZ, 1991, p. 66).

Um aspecto relevante que merece ser evidenciado é o apelo à manutenção da hierarquia trazido pelo Projeto de Restauração Católica. Diante disso, em que pese os religiosos terem repassado o jornal *Deutsches Volksblatt* para as mãos do jornalista católico Hugo Metzler, em 1890, podemos afirmar que os Inacianos não abriram mão do controle desse periódico. Nesse ínterim, “o apelo à obediência e a subordinação à autoridade da instituição, como também a proposição de que os textos dos leigos sejam corrigidos, são evidências explícitas das prerrogativas hierárquicas.” (KLAUCK, 2009, 56).

Já no ano de 1912, quando os Jesuítas fundaram a Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, começou a circular o *Skt. Paulusblatt*. “Nas suas edições mensais, a revista assumiu o papel de porta-voz mais importante da Sociedade União Popular e de seu papel no Projeto da Restauração Católica” (RAMBO, 2002, p. 301).

Para essa revista foi anunciado o Pe. Theodor Amstad, SJ, para o cargo de Secretário Geral. Assim, a nomeação de um sacerdote para estar à frente da revista está longe de ser por motivos de capacidade intelectual, mas sim para estabelecer a hegemonia e o controle do principal meio de comunicação, formação e doutrinação da Sociedade União Popular.

É nesse contexto que se apreende que se imprimiram sob a pena do sacerdote-redator os sentidos do catolicismo social. Ao mesmo tempo, que o controle da mesma pena adquire significado de manutenção dos ditames da instituição para os católicos. Nesse contexto, as atribuições do Secretário Geral passam a ter a capacidade de definição no ordenamento e manutenção de boas leituras. Novamente indica a presença das premissas extraídas dos documentos pontifícios e que podem ser aferidos na prática, a partir do papel que Amstad desempenhará como redator da revista. Também é possível perceber, de forma implícita, que na função reside o crivo de censor atribuído ao padre através da sua autoridade. Ao se tornar o principal redator, afasta-se a possibilidade de veiculação de conteúdos contrários aos defendidos pela Igreja. (KLAUCK, 2009, p. 117)

Outra publicação que merece destaque, fundada no mesmo ano, é o almanaque anual *Der Familienfreund* (O amigo da família), que surgiu para completar a tarefa de divulgação, informação e doutrinação iniciada pelo *Deutsches Volksblatt* e, posteriormente, pelo *Skt. Paulusblatt*, sempre em uma perspectiva católica e fortemente aliados com o Projeto de Restauração da Igreja. Nesse sentido, “além das publicações regulares, circularam inúmeras

outras avulsas ou não, na sua imensa maioria perseguindo o mesmo objetivo: a Restauração Católica” (RAMBO, 2002, p. 302).

Nos anos seguintes, as publicações acima foram fortemente utilizadas também com propósitos publicitários, divulgando o novo empreendimento da Sociedade União Popular e dos Jesuítas: a colônia Porto Novo, fundada em 1926, exclusivamente para alemães católicos. Assim, essa imprensa, até então Rio-Grandense, transpassa o Rio Uruguai e alcança as terras do Extremo Oeste Catarinense, a fim de informar e doutrinar as famílias alemãs católicas lá residentes.

### **A imprensa alemã católica à serviço do sonho jesuítico**

A colonização na região Oeste de Santa Catarina está ligada, inicialmente, com o fim da guerra do Contestado (1916) e com as possibilidades econômicas da região. Essa área “tornou-se o principal polo de colonização de uma região onde atuaram muitas empresas particulares – algumas empenhadas em formar núcleos etnicamente homogêneos – que demarcaram e venderam as terras para imigrantes e colonos” (SEYFERTH, 2004, p. 138/139).

O deslocamento migratório interno, a escassez de terras e os elevados preços praticados no Rio Grande do Sul esgotaram as possibilidades de se estabelecer no Planalto Rio-Grandense uma colônia da *Volkverein*. “Com isso, os colonos e os próprios empreendimentos de colonização atravessaram o Rio Uruguai, e passaram a colonizar o oeste catarinense” (NEUMANN, 2013, p. 171).

Desta forma, em 28 de janeiro de 1926, em uma reunião da qual participaram Jacobo Becker e Pe. Johannes Rick SJ, como representantes da Sociedade União Popular, e o Pastor Luterano Hermann Faulhaber, então diretor da empresa Chapecó-Peperi Ltda, foi celebrado contrato de compra e venda da gleba de terras entre os rios das Antas, Peperi-Guaçu e Uruguai, no Estado de Santa Catarina, totalizando uma área inicial de 382.057.816 m<sup>2</sup>, que seria destinada à formação de uma colonização homogênea (PIAZZA, 1982). Nascia, assim, o Projeto Porto Novo e concretizava-se o sonho jesuítico: *formar cristãos novos em comunidades orantes e socialmente perfeitas* (EIDT, 2011).

Com o início da venda dos lotes, privilegiou-se os descendentes de alemães de religião católica e dificultou-se o acesso à terra para colonos que não fossem dessa confissão e que não falassem esse idioma. Com essa triagem, objetivava-se a formação de uma comunidade

étnica e religiosamente homogênea.

A partir da aquisição das terras e da demarcação dos lotes, a Sociedade União Popular intensificou as propagandas para divulgação do empreendimento, por meio de reuniões realizadas nas colônias rio-grandenses, de artigos, brochuras e de anúncios na imprensa.

Os artigos sobre Porto Novo, publicados no DV [*Deutsches Volksblatt*] e no SPB [*Skt. Paulusblatt*], são de teor variado. Uns, relatam impressões de viagem. Outros, aventuras no Rio Uruguai ou excursões pelo interior da selva nativa. Há, porém, um outro tipo de artigo, onde se apresenta estudos sobre a potencialidade de uma colonização bem-sucedida no lugar. Nesta última espécie incluímos estudos e análises (solo, clima, relevo, condições de colocação da produção no mercado, estatísticas do número de habitantes, número e espécie de animais domésticos, número de veículos, etc.) A partir de 1927, também já apareceram no DV cartas enviadas pelos moradores de Porto Novo. As cartas relatam atividades de rotina dos pioneiros e acontecimento relacionados à agricultura (chuvas, secas, pragas, etc.), à sociedade (chegada de novos pioneiros, visitas ilustres, mortes, etc) e ao desenvolvimento geral (instalação de serrarias, olarias, escolas, igrejas, etc.) (NUNES, 2015, p. 122/123).

Desde o início da colonização em Porto Novo havia uma grande preocupação com anúncios sobre o novo empreendimento da Sociedade União Popular. Na edição do *Deutsches Volksblatt* de 14/01/1927 chama a atenção um anúncio que apresenta a colônia católica alemã, destacando os preços e as condições de pagamento para os pretensos compradores, bem como um plano de viagem para visitar a colônia:

Colônia alemã Porto Novo da Sociedade União Popular.

A "Volksverein" é proprietária legítima da Colônia Porto Novo. Deste modo, a Sociedade União popular pode expedir diretamente a escritura pública para os compradores que pagaram e arrotearem a terra, nela construíram e moram. O valor atual do lote de 25 hectares é de Rs2:500\$000. A partir de 1º de janeiro de 1928, o valor do lote de 25 hectares será elevado para Rs3:300\$000. Deste valor devem ser pagos, no mínimo, Rs1.000\$000 de entrada. O restante pode ser parcelado em acordo a ser firmado com a Administração da Sociedade, representada em Porto Alegre pelo senhor Albano Volkmer, ou em Porto Novo, com o senhor José Aloísio Franzen, na direção da Colônia.

Mediante pagamento à vista, atualmente há um desconto de 5%, sendo que a partir de 1º de janeiro de 1928, após o reajuste do preço, o desconto será de 10%. Associados da „Volksverein“, além disso, tem um desconto de Rs25\$000 na compra do primeiro lote - e de Rs5\$000 em cada novo lote adquirido.

Plano de viagem: quem quer visitar Porto Novo, deve viajar até a cidade de Neu Württemberg, de onde constantemente partem caminhões para Porto Feliz e, conseqüentemente, Porto Novo. Em Neu Württemberg, a Empresa Xapecó, Pepery Ltda. fornece todo o tipo de esclarecimento e informação

necessários. Viajantes que vierem por Santa Maria, encontrarão hospedagem e informações sobre como continuar a viagem no Hotel Müller. (ROHDE, 2011, p. 32-33).

No ano seguinte, os anúncios veiculados nos jornais sobre a colônia Porto Novo alteraram seu foco, aumentando a agressividade e a presença, ante a fundação da colônia de São Carlos, considerada concorrente do empreendimento da Sociedade União Popular. A nova colônia, além de também ser destinada aos teutos-católicos, prometia em sua propaganda uma estrutura muito semelhante a colônia da Sociedade União Popular, com o diferencial da construção de uma ferrovia em um futuro próximo.

Diante disso, Pe. Rick, SJ, conhecido como “pai dos colonos”, responsável direto pela implantação do projeto Porto Novo, publicou um artigo na edição de 06/06/1928, do jornal *Deutsches Volksblatt*, sob o título “*Fünf Monate in Porto Novo*” (Cinco meses em Porto Novo), onde argumentava nitidamente contra a nova colônia tentando demonstrar que a via fluvial, apresentada por Porto Novo, seria de grande vantagem para o escoamento da produção:

Faz-se grande propaganda com futuras ferrovias. Mas quem conhece nosso país, sabe que não se pode contar assim com estradas de ferro futuras. Um caminho por água vem a ser melhor. Ele existe, outrossim, mesmo que não se ache aberto o ano inteiro.

[...]

Onde não há bom solo, de nada adiantam os trens, mas, onde há bom solo, os trens podem ser construídos.

[...]

Quem conhece nossa terra sabe que não se pode contar muito com futuros trens. Um caminho fluvial é melhor. Ele também está aí, mesmo se não aberto durante todo o ano. Até o Paraná, um grande rio navegável, devem ser em torno de 100 km; também esta via deverá interessar, pois a Argentina não deixará a região de Misiones despovoada se a divisa de Sta. Catarina estiver colonizada (*Deutsches Volksblatt*, n.º 126, p. 1. apud RABUSKE; RAMBO, 2004, p. 173-178)

Percebe-se, diante desses anúncios, uma propaganda veiculada pelos jornais alemães católicos do Rio Grande do Sul dirigida diretamente para o seu público alvo, objetivando demonstrar que a melhor escolha para um futuro próspero encontrava-se na colônia da Sociedade União Popular, principalmente diante de sua homogeneidade étnica e religiosa. Além disso, é nítida a influência dos Jesuítas, inclusive da edição dos textos a serem publicados.

Outrossim, considerando que os Jesuítas foram os idealizadores e principais

incentivadores para a formação da colônia Porto Novo, constituindo-se esse um sonho jesuítico, empreenderam eles todas as forças necessárias a fim de que a prosperidade pairasse sobre o empreendimento. Por esse motivo, são inúmeras as publicações encartadas nos mais diversos jornais anunciando que Porto Novo será “a maior região comercial do Sul do Brasil” (RABUSKE; RAMBO, 2004, 172), nas palavras do Pe. Rick, SJ, objetivando unicamente atrair mais compradores de terras.

Na edição datada de 03/10/1928, na página 03, do *Deutsches Volksblatt*, encontramos publicado, com grande destaque, um quadro expondo dez razões para aquisição de terras na colônia Porto Novo. O anúncio revela:

Por que vou para S. Canísio de Porto Novo?

1. Porque o solo é muito bom e todos os frutos (mesmo café) vingam;
2. Porque não mistura [brigas, confusões] ali e jamais haverá, como praticamente em todo lugar em S. Catarina;
3. Porque há uma grande associação, a União Popular, por trás, que também velará daqui por diante;
4. Porque não há ali terra para especulação;
5. Porque está tudo arranjado com igreja, escolas, dois sacerdotes e porque já há muitos moradores ali;
6. Porque a colônia liga-se ao RGS;
7. Porque o melhor mercado, via fluvial, já está estabelecido na Campanha e estados do Prata, onde os preços são melhores que em Porto Alegre;
8. Porque a ferrovia de Iraí, se ela realmente for construída, fica bem próxima para a ligação com Porto Alegre e São Paulo;
9. Porque não há formigas e nem virão porque não ocorrem geadas;
10. Porque quero cuidar física e espiritualmente dos meus filhos. (*Deutsches Volksblatt*, n. 233, 03/10/1928, p. 03.apud NUNES, 2015, p. 127/128)

Acerca desse anúncio, Leandro Mayer explica:

Quanto às razões apresentadas para encorajar os compradores, chamam atenção, a fertilidade do solo e a ausência de formigas, que proporcionariam colheitas férteis, comercializadas a bons preços. A vida comunitária é apresentada como harmoniosa, possibilitando uma boa educação aos filhos, um povoado sem intrigas entre os moradores e assistido religiosamente por dois padres. Encostada no estado do Rio Grande do Sul, a colônia Porto Novo já conta com muitos moradores estabelecidos, com base na organização da *Volkverein*, “que se preocupa com o futuro” (MAYER, 2016, p. 47)

A partir dos anúncios aqui apresentados, é possível constatar que a Igreja utilizava a imprensa não somente para transmitir sua palavra, doutrinando e informando seus leitores, mas também para anunciar empreendimentos e obras que ela incentivava e entendia como

sendo primordiais para os católicos, a exemplo da colônia Porto Novo. Podemos afirmar, ainda, que a imprensa tinha uma função pedagógica, doutrinária, e informativa junto aos seus leitores, buscando preservar a família com ensinamentos puramente cristãos.

Um fator importante e que merece destaque é que muitos jornais, como o *Deutsches Volksblatt*, eram impressos em edições diárias vinculando notícias e informações recentes aos seus leitores. Entretanto, para as colônias onde existia apenas uma conexão semanal com o correio, as empresas jornalísticas editavam suplementos semanais de conteúdo variado e recreativo, no intuito de manter os católicos alemães residentes nas distantes colônias informados e doutrinados de acordo com os preceitos da Igreja (AMSTAD, 2005).

Por derradeiro, com o estopim da Segunda Guerra Mundial a imprensa alemã foi obrigada a adaptar-se à nova realidade, na medida em que foram obrigados a editarem seus jornais em língua portuguesa, inclusive com alteração do nome. Aqueles que não se adaptaram acabaram fechando as portas de suas redações. Desta forma, o *Deutsches Volksblatt* passou a ser editado sob o nome brasileiro de “Gazeta Popular”, continuando a atender aos leitores alemães católicos e, principalmente, aos interesses da Igreja, porém com textos publicados em português.

### **Considerações finais**

Muitos foram os papas que condenaram a má imprensa, aquela que estendia duras críticas aos católicos e apresentava uma nova visão de mundo, alertando que ela é danosa não somente para a Igreja, mas, principalmente, à família e à educação.

Para combater as “inverdades” divulgadas, “a Igreja Católica, em tempos desfavoráveis, soube administrar os meios de gerar uma opinião pública favorável, utilizando as armas que desde suas origens tinha acesso, como o púlpito e os confessionários” (NEVES, 2013, p. 11). Com o advento da modernidade, foi obrigada a combater com as mesmas armas daqueles que buscavam denegrir sua imagem, iniciando o uso da imprensa.

Nesse aspecto, mister mencionar que o uso de jornais, almanaques, revistas e folhetins não objetivam trazer instrução e conhecimento aos católicos, mas sim servirem como profanadores das “verdades”, formando uma opinião pública regulada de acordo com os preceitos ditados pelo clero. Desta forma, “a verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência, representações de outra origem e de outro caráter, mas nos fazer agir, nos ajudar a viver”.

(DURKHEIM, 1989, p. 493).

Diante disso, a partir do uso da imprensa dentro do Projeto de Restauração da Igreja Católica, agindo na esfera pública como meio para formar opiniões, a Igreja buscou afastar os fiéis da chamada má imprensa e longes de possíveis influências que pudessem desvirtuar-los para outros caminhos - leia-se outras religiões/igrejas.

No que concerne ao Brasil, em especial na região Sul, os Jesuítas incumbiram-se desse desafio, encabeçando e organizando uma imprensa alemã e católica completamente alinhada com o amplo Projeto de Restauração da Santa Sé. Aproveitaram as publicações não somente para a informação e doutrinação dos fiéis, mas também para divulgação de obras e empreendimentos considerados como fundamentais para o futuro da Igreja nesta região.

É o que podemos constatar a partir das propagandas e textos aqui apresentados e vinculados pelos dois principais meios de comunicação dirigidos pelos Inacianos aos alemães católicos: o *Deutsches Volksblatt* e o *Skt. Paulusblatt*. Ambos noticiários exaltavam a Colônia Porto Novo, localizada no Extremo Oeste do Estado de Santa Catarina, pois os Jesuítas há muitos anos sonhavam com a fundação de uma colônia homogênea, direcionada exclusivamente para os alemães católicos, fato que não concretizou-se no estado do Rio Grande do Sul. Assim, ao adentrarem no estado Catarinense, conseguiram concretizar seu principal sonho, formando uma comunidade de orantes que estava voltada para os ensinamentos da Igreja, sem qualquer interferência externa.

Por fim, as propagandas veiculadas nos jornais e revistas foram o principal meio de divulgação dessa colonização e de atração dos católicos, garantindo o capital humano que a congregação necessitava para trabalhar. Acredito que a temática aqui esboçada comportaria um amplo estudo acerca das publicações sobre a colônia Porto Novo na imprensa alemã católica, algo ainda pouco explorado, buscando evidenciar as formas e os argumentos que os Inacianos encontraram para atrair os colonos e concretizar seu sonho utópico.

## **Referências Bibliográficas**

AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul-1824-1924*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2005.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo:

Revista Semina V. 16, N.º 1, 2017 – ISSN 1677-1001  
Artigo Recebido em 26/06/2017 - Aprovado em 30/07/2017

Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Tradução Joaquim Pereira Neto, São Paulo: Paulinas, 1989.

EIDT, Paulino. SILVA, Edinaldo Enoque. *Porto Novo: do reino religioso ao poder de mercado*. Curitiba: CRV, 2011.

JUNGBLUT, Roque. *Porto Novo: um documentário histórico*. Itapiranga: Edições SEI – FAI, 2005.

KLAUCK, Samuel. *O apostolado da imprensa: a revista St. Paulus-Blatt como instrumento de informação, formação e catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934)*. Curitiba: Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 2009.

\_\_\_\_\_. A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX *MNEME – Revista de Humanidades*. Caicó: Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011, jan./jul.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

MAYER, Leandro. “*O triste fim de Anton Kliemann*”: a campanha de nacionalização e seus desdobramentos no oeste de Santa Catarina. Passo Fundo: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo, 2016.

NEUMANN, Rosane Marcia. Colonizadora Mayer e Empresa Chapecó-Pepery: interfaces. In: TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Márcia (Orgs.). *Colonos, Colônias e Colonizadores: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2013. P. 170-194.

NEVES, Flávio Rodrigues. A voz e a pena a serviço da Igreja: A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX. *Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia*. GT de História da Mídia. Minas Gerais: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2013.

NUNES, Maria Zilles Magno. *O começo de Porto Novo: uma colônia para teuto-católicos no processo de expansão colonial no sul brasileiro (1912-1933)*. Porto Alegre: Gráfica e Editora RJR, 2015.

Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro, de 06 de janeiro de 1900. In. BRASIL. Congresso. Câmara do Deputados. *A Igreja na República*. Brasília: Editora da UnB, 1981.

PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre: Pallotti, 1982.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1982.

RAMBO, Arthur Blásio. Restauração Católica no Sul do Brasil. *História: Questões &*



Debates, Curitiba: Editora UFPR, n. 36, p. 279-304, 2002.

\_\_\_\_\_. A História da Imprensa Teuto-brasileira. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

\_\_\_\_\_; RABUSKE SJ, Pe. Arthur. *Pe João Evangelista Rick, SJ: cientista, colonizador, apóstolo social, professor*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

\_\_\_\_\_. *Somando Forças: o projeto social dos jesuítas do Sul do Brasil*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tradução Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

ROHDE, Maria W. *Espírito Pioneiro: a herança dos antepassados*. Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2012.

SCHUPP, Pe. Ambros, SJ. *A missão dos Jesuítas alemães no Rio Grande do Sul*. Tradução Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e estrutura agrária. In: WOORTMANN, Ellen F. (Org.). *Significados da terra*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

WESCHENFELDER, Greicy. *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2010.